

# [Maria Silva]

solo show by  
Janis Dellarte

Galeria Belard presents *Maria Silva*, a solo exhibition by Portuguese multidisciplinary artist Janis Dellarte that marks a significant departure from her previous large-scale knitted sculptures. Through this new body of work, Dellarte integrates her textile expertise into a revived drawing practice, engaging in a critical dialogue between historical craft and mechanical processes, bridging past and future in a deeply personal yet politically charged body of work.

The exhibition title, *Maria Silva*—arguably Portugal's most common female name—transforms Dellarte's birth name (Maria Ana Duarte Silva) into a conceptual statement. This intentional anonymization shifts her individual identity into a collective one, evoking a national heritage that has been historically relegated to the margins of cultural memory. Informed by her immersion in ancestral textile communities, from the interior of Portugal to remote Nepalese villages, this body of work sprouts from the tension between a desire for preservation and an inevitable surrender to the technological advancements of the XXI Century.

Dellarte's process is both cyclical and labor-intensive. She works with inherited fabrics, often marked by use and time, embroidering and sewing on vintage textiles before photocopying these interventions to create new surfaces to draw on where textile imagery fragments and multiplies. She then returns to sewing, layering stitches over printed remnants and collaged objects, oscillating between analog and mechanical, found and generated, created and reproduced.

While acknowledging the inevitability of technological advancement, Dellarte deliberately subverts industrial processes by introducing glitches and refusing automated controls. By refusing the embroidery foot pedal and forcing the sewing machine to erratically zig-zag at the pace and rhythm of her hand, she creates an unpredictable choreography of movement where stitched lines become records of friction and raw expressivity.

There is an underlying sense of humor and irony in *Maria Silva*. Through the use of folk Portuguese expressions, erratically embroidered throughout her pieces, Dellarte undercuts any tendency toward nostalgic lament. Her pale palette of reds, whites, pinks, and greens—evoking the vulnerable topography of flesh, bruising, and scarring—conceals layers of complexity and struggle beneath seemingly delicate surfaces. Recurring motifs of needles, scissors, thread, roses, and perforations suggest both sex and violence, wound and repair.

While the exhibition includes two formal performances, the true performance lies in her solitary act of creation. Dellarte's childhood vision loss in one eye has deepened the intimacy and tactility of her approach to fabric and thread, intensifying the intimate pulse of the sewing machine synchronized with her breath, dissolving time in this ritual of making.

In *Maria Silva*, domestic textile practices transform into a potent critical language. By bringing intimate objects into the gallery space and subverting traditional techniques, Dellarte collapses the boundaries between public and private, art and craft, mechanical and handmade. Alongside this formal subversion, she reimagines globalization by integrating influences and experiences from different parts of the world, showing how local traditions can endure and reinvent themselves in the face of contemporary homogenizing forces. Her work inhabits a tense space between submission and insurgency, where each technical disruption becomes an act of resistance. Through this process, Dellarte weaves an intimate cartography of Portuguese female experience—one that resonates in both personal memory and collective heritage. Each stitched thread and each imprinted scar echoes violence, care, fragility, and strength, simultaneously exposing and suturing the wounds of the past. Ultimately, this body of work offers a profound reflection on femininity, nationality, identity, and power in an era dominated by globalization and technological evolution, inviting us to reconsider the value of the human hand in artistic production.



Rua Rodrigo da Fonseca 103B  
1070-239 Lisboa\_  
galeriabelard.com

# [Maria Silva]

solo show by  
**Janis Dellarte**

A Galeria Belard apresenta *Maria Silva*, exposição individual da artista portuguesa Janis Dellarte. Conhecida pelo seu trabalho em malha tridimensional de grande formato, a artista multidisciplinar apresenta agora uma mudança significativa no seu percurso ao regressar ao desenho. Nesta nova série, Dellarte funde a experiência têxtil com o desenho, criando um diálogo crítico entre o artesanato tradicional e os processos mecânicos. O resultado é uma obra que estabelece pontes entre passado e futuro, simultaneamente íntima e política.

*Maria Silva* — provavelmente o nome feminino mais comum em Portugal — é mais do que um título: transforma o nome de baptismo da artista (Maria Ana Duarte Silva) numa declaração conceptual. Esta acção deliberada de anonimato converte a identidade pessoal de Janis Dellarte numa identidade colectiva, evocando uma herança nacional tantas vezes relegada para as margens da memória cultural. Informada pela sua vivência e imersão em comunidades têxteis ancestrais — desde o interior de Portugal às aldeias remotas do Nepal — este corpo de trabalho nasce da tensão entre o desejo de preservação e a submissão inevitável à evolução do século XXI.

Nesta exposição, o processo criativo de Janis Dellarte revela-se simultaneamente cíclico e laborioso. A artista trabalha com tecidos herdados de família e amigos, frequentemente com histórias visíveis, marcadas pelo tempo e pelo uso. Borda e cose nesses têxteis, usando processos manuais e de máquina, antes de fotocopiar as intervenções, criando novas superfícies de desenho onde as imagens têxteis se fragmentam e multiplicam. Em seguida, sobrepõe pontos aos vestígios impressos e fragmentos colados, num vaivém entre o analógico e o mecânico, entre o encontrado e o gerado, entre criação e reprodução.

Apesar de reconhecer a inevitabilidade dos avanços tecnológicos, Dellarte subverte intencionalmente os processos industriais através da técnica desenvolvida. Recusa-se a usar o pedal da máquina de bordar e força a máquina de costura a criar padrões erráticos ao ritmo da sua mão. Assim nasce uma coreografia imprevisível, em que cada linha cosida regista momentos de fricção e expressividade pura questionando a lógica produtivista e padronizada típica da era industrial.

Ainda que abrace uma certa nostalgia melancólica, típica do povo português, a exposição revela um sentido de humor subtil e irónico. Das expressões populares “ai, ai” e “uí, uí”, bordadas e desenhadas nas peças, aos títulos das obras — *Pano Para Mangas, Credo, Ora Bolas!*, entre outras — contraria qualquer tentação de dramatização excessiva. À primeira vista, a paleta suave — encarnados, brancos, cor-de-rosas e verdes — sugere delicadeza. No entanto, estas cores evocam também a vulnerabilidade da carne, sangue, hematomas e cicatrizes, revelando camadas de complexidade e luta sob superfícies aparentemente delicadas. Agulhas, tesouras, fios, rosas e perfurações surgem repetidamente, símbolos ambíguos que aludem tanto à sexualidade quanto à violência, à ferida e à cura.

A exposição inclui duas performances formais — *Jogo de Pano e Dona Rosa* — mas é no acto solitário de criação que reside a verdadeira performance. A perda parcial de visão na infância intensificou a relação táctil e íntima de Janis Dellarte com os seus processos e materiais. O ritmo da máquina de costura funde-se com a respiração, e o tempo dissolve-se neste ritual criativo, sublinhando a carga performativa do fazer manual e o carácter meditativo desse processo.

Em *Maria Silva*, as práticas têxteis domésticas transformam-se numa potente linguagem crítica. Ao transportar objectos íntimos para o espaço da galeria e ao subverter técnicas tradicionais, Janis Dellarte colapsa as fronteiras entre o público e o privado, a arte e o artesanato, o mecânico e o manual. A par dessa subversão formal, a artista repensa a globalização ao integrar influências e vivências de diferentes partes do mundo, mostrando como a tradição local pode resistir e reinventar-se perante a lógica uniformizadora contemporânea. O seu trabalho habita um espaço tenso entre submissão e insurgência, onde cada perturbação técnica é um acto de resistência. Através desse processo, Dellarte tece uma cartografia íntima da experiência feminina portuguesa, que ressoa tanto na memória pessoal quanto na herança colectiva. Cada fio cosido e cada cicatriz impressa revelam ecos de violência, cuidado, fragilidade e força, num movimento que simultaneamente expõe e sutura as feridas do passado. Assim, a obra propõe uma reflexão profunda sobre feminilidade, nacionalidade, identidade e poder numa era dominada pela globalização e evolução tecnológica, convidando-nos a reconsiderar o valor da mão humana na produção artística.

Rua Rodrigo da Fonseca 103B  
1070-239 Lisboa\_  
galeriabelard.com